

# Nervo Óptico

Carlos Asp

Clovis Dariano

Mara Alvares

Telmo Lanes

Vera C. Barcellos

27 DE SETEMBRO A 10 DE OUTUBRO DE 1978  
PINACOTECA DO INSTITUTO DE ARTES

MEC/FUNARTE  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO  
INSTITUTO DE ARTES

# Nervo Óptico

Carlos Asp  
Clovis Dariano  
Mara Alvares  
Telmo Lanes  
Vera C. Barcellos

27 DE SETEMBRO A 10 DE OUTUBRO DE 1978  
PINACOTECA DO INSTITUTO DE ARTES

MEC / FUNARTE  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
PRO-REITORIA DE EXTENSÃO  
INSTITUTO DE ARTES

## O "NERVO ÓPTICO"

O que singulariza o grupo "Nervo Óptico" é a perseverança com que seus componentes continuam fiéis ao seu projeto inicial. Fazer da arte um campo de experiências. Não a mera "estética". Questionar incessantemente a expressão, preocupados com a sua eficácia informacional. Desmistificar os meios, e as técnicas, e os conteúdos e "sentimentos", para em seu lugar, e ao mesmo tempo, redescobri-los em outros planos, reformulados, renovando-os no imprevisto (geralmente coerente) de uma obra assumida mais como atividade, como procedimento. Assim, o comportamento é que é por si artístico e tem por finalidade a determinação do valor, dos fundamentos e das significações do que os civilizados, ainda no século vinte, chamam de "arte".

Não se pode pensar o "Nervo Óptico" como um grupo homogêneo. Suas pesquisas não formulam uma fisionomia geral ou genérica, cada um ocupando um posto determinado, num plano pré-fixado, cumprindo um papel definido dentro do todo. Nada disso. As figuras são díspares, seguindo caminhos pessoais. O que os reúne não é nem mesmo um conceito comum de arte, ou de não-arte, mas uma disposição de trabalhar os signos de nossa época, formulando códigos específicos, desmembrando-os analiticamente, depois, transformando-os,

sintetizando-os em técnicas que utilizam os "mass-media" atuais, apropriados não só para dizerem novos conteúdos de um mundo em mudança, mas também o mesmo lastro de humanidade de que se ocuparam os artistas de outras épocas, embora redefinindo-o. Deste modo, pode-se dizer que a atual mostra é um conjunto de mostras individuais de artistas cuja unidade se faz pelo cunho de pesquisa que dão ao seu fazer artístico, mais do que no empenho de obter obras acabadas, definitivas expressões de algum mesmo ideal.

Carlos Asp já é muito conhecido por suas experiências ambientais, através das quais procura introduzir o espectador ativo num mundo de signos e símbolos pesquisados em religiões e filosofias esotéricas que devem reconduzi-lo à participação ou integração numa idéia da totalidade do universo ou natureza. Contudo, o emprego de meios, materiais e cores, simbólicos estabelecem uma dialética entre ilusão e realidade, que põe em questão a própria eficácia da arte como instrumento comunicativo, capaz de proporcionar esta integração mística.

Clóvis Dariano trabalha a ambiguidade da representação fotográfica. Ele assume este meio moderno de fixação de imagens não como um recurso para representar, mas como um discurso paralelo à realidade que ao ser

"pronunciado" cria distâncias entre a realidade que representa e a própria realidade do seu dizer. Nas séries anteriores do seu trabalho, a fotografia descolando-se da própria fotografia exatamente recoberta, descobre a distância, revela a diferença entre realidade e representação, mostrando-se como linguagem, ou ao menos, como discurso correlato. Na série atual, ainda que o tema (erótico?) do corpo feminino tenda a polarizar o interesse, a superposição das fotos, o emprego de retoques expressivos, a dilaceração do papel, procuram reforçar a dialética tensa da significação diferenciada entre realidade e representação.

Mara Álvares utiliza um complexo de códigos, senão de linguagens. Para ela tanto o signo gráfico, como o fotográfico, o objeto, a gestualidade e, mais largamente, a expressão corporal, cooperam na criação de um evento em que as significações se rebatem, se reforçam, configurando uma espécie de rito cujo mito, embora no silêncio, se diz ou se mostra. A performance ambiental que ela nos propõe ainda que constitua um rito fictício, ou por isso mesmo, pouco tem de misticismo. Ao contrário de Carlos Asp que propõe uma idéia de integração a partir de uma concepção quase religiosa

da natureza, Mara parte do corpo, fundamento da linguagem, no seu desenvolvimento na natureza ou ambiente cultural, sendo o seu relacionamento temporal com os objetos, espaços ou signos, a deter determinante do seu significado. A obra de Mara oferece, por isso mesmo, por sua polissemia, maiores dificuldades, talvez, de decodificação. Mas a reiteração do contato com seus elementos, que a obra mesmo proporciona, nos familiariza, pouco a pouco, com a sequência dos signos que estão a perfazer a linguagem que ela deseja formular.

Telmo Lanes nos oferece nesta mostra uma sequência de trabalhos em que perspicácia e humor condimentam um enfoque pessoal dos problemas da linguagem visual. Um elemento fetichizado, uma unha alongada, aparece inserida em contextos paradoxais, rompendo as significações correntes, para introduzir a inquietação nas interpretações múltiplas a cargo do espectador. O signo "unha" serve ora como emblema, ora como uma espécie de totem dessacralizado pelo humor, que põe em crise as significações dos contextos cotidianos em que aparece. A potência mágica do signo reinventa, ou pelo menos questiona, os mitos e ritos da vida nos seus mais variados condicionamentos,

problematizando, com seu impacto visual, pessoa, sociedade, costumes, instituições, cultura e civilização.

Vera Chaves Barcellos reorienta suas pesquisas, deixando temporariamente suas preocupações psicológicas, para dedicar atenção a uma dimensão sociológica. Se antes propunha imagens testes para serem decodificadas pela intensão subjetiva do espectador, ou convidava-o a experienciar significações de sua própria epiderme, agora ela documenta sua própria experiência de outros povos e sociedades. Os muros de Barcelona com seus grafiti ideológicos, são assumidos por ela como signos de códigos que se entrecrocavam, fazendo as significações variarem do puro conteúdo que pretendem pronunciar, para a modalidade gráfica das suas sobreposições, seu mútuo dilaceramento, que expressam o conflito das tendências de uma sociedade. Na presente mostra, duas séries de trabalhos são reunidas. Uma de fotos em preto e branco tem caráter principalmente documental, É como um ponto de partida para outra série mais ambiciosa e ratificada pelo êxito plástico e colórico dos resultados em que empregam o xerox colorido na obtenção de efeitos que não escapam ao prazer estético. Nesta série de xerox a arte de Vera alcança uma alta

qualidade, que não chega a conflitar com o flagrante das mensagens que buscou captar, mas que sem dúvida as transpõe a um nível de reflexão sobre a comunicação humana, pensada em termos de pura visualidade.

É de se lastimar a ausência nesta mostra da participação de Carlos Pasquetti, artista que se tem revelado como um dos valores mais significativos, não só do grupo "Nervo Óptico", mas da própria arte riograndense. Seu trabalho atual, em vias de desenvolvimento, não lhe deu condições de participar do atual acontecimento. Mas ele se fará presente, sem dúvida em outra ocasião.

Seja como for, a mostra do "Nervo Óptico" na Pinacoteca do Instituto de Artes da UFRGS realiza um de seus propósitos fundamentais: Incentivar a pesquisa artística a nível universitário, cuja importância e significação consideramos igual ao da pesquisa científica e tecnológica. Através desta mostra reiteramos nossa pretensão e reivindicação de que a arte como pesquisa, no sentido forte da palavra, venha a merecer da Universidade o mesmo tratamento que as outras áreas mencionadas.

Carlos Scarinci



CATA TUTU

TELMO LANES 1978

TELMO DA SILVA LANES

Título: INTIMO EXTERIOR

Desenvolvi um trabalho que coloca aspectos da relação entre o INTIMO pessoal e, como indivíduo participante de um processo cultural, com o EXTERIOR social, histórico. A atitude de deixar crescer a unha do dedo mingo da mão esquerda, é vista como um

aspecto popular e uma característica social. Relaciono este elemento INTIMO / EXTERIOR, a unha, com imagens que apresentam um estudo das dimensões desta atitude. É um trabalho de investigação sobre a anatomia social.

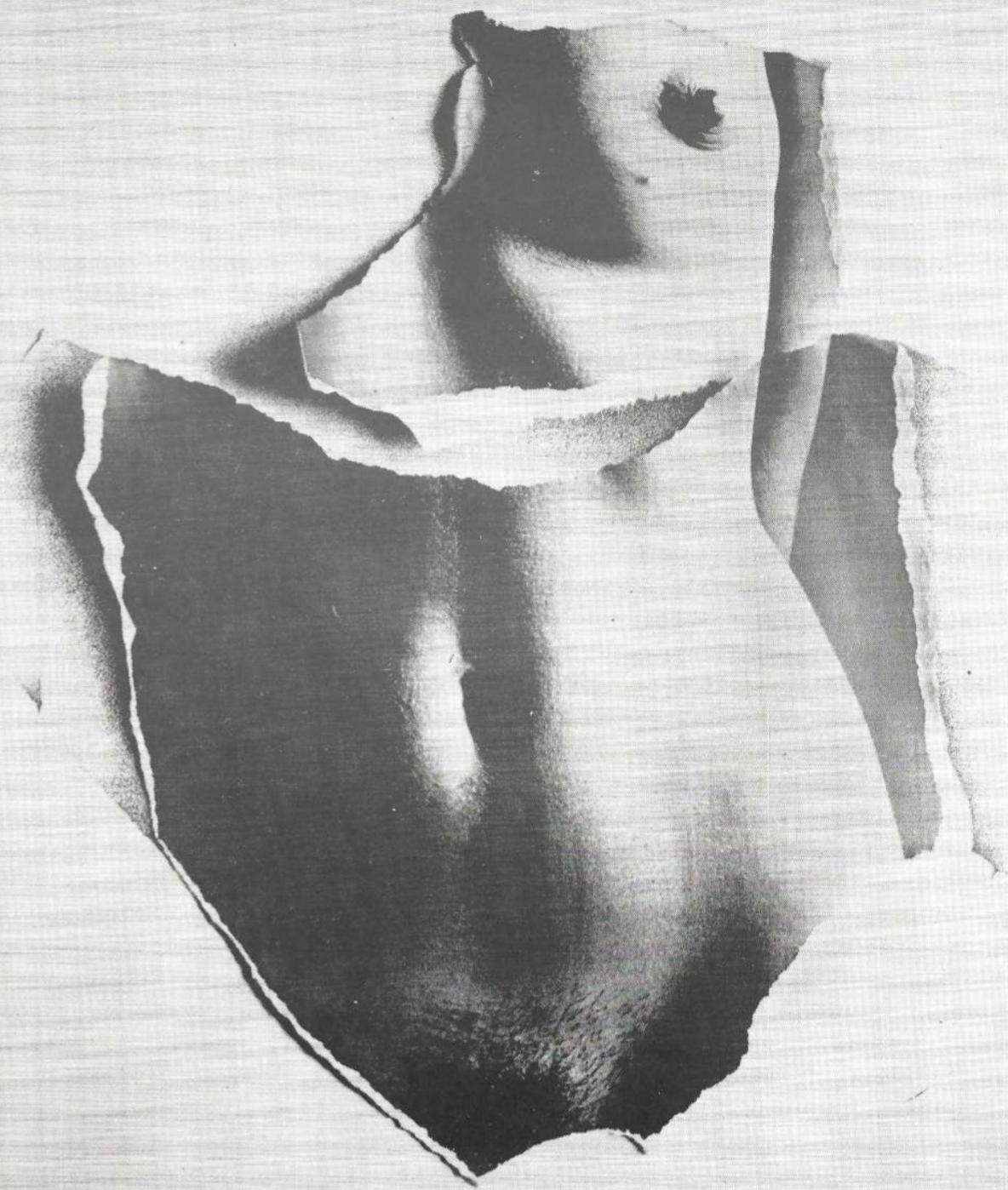


PICTOGRAFIAS

Trabalho composto por

fotografias,  
desenhos,  
movimentos.

1978



A parte pelo todo  
Planos, fragmentos, insuavidade e fontes de ruptura

Junho 19

" A PARTE PELO TODO "

Planos, fragmentos, inserções e pontos de ruptura.

12 painéis (fotografia/desenho)

" A parte pelo todo " é uma sequência composta por Planos, fragmentos, inserções e pontos de ruptura.

Os Planos são considerados como elementos ideais para que se desenvolvam situações, tanto sobre sua superfície como por detrás dela. Estas situações determinam o confronto imediato entre o objeto ideal e o objeto real.

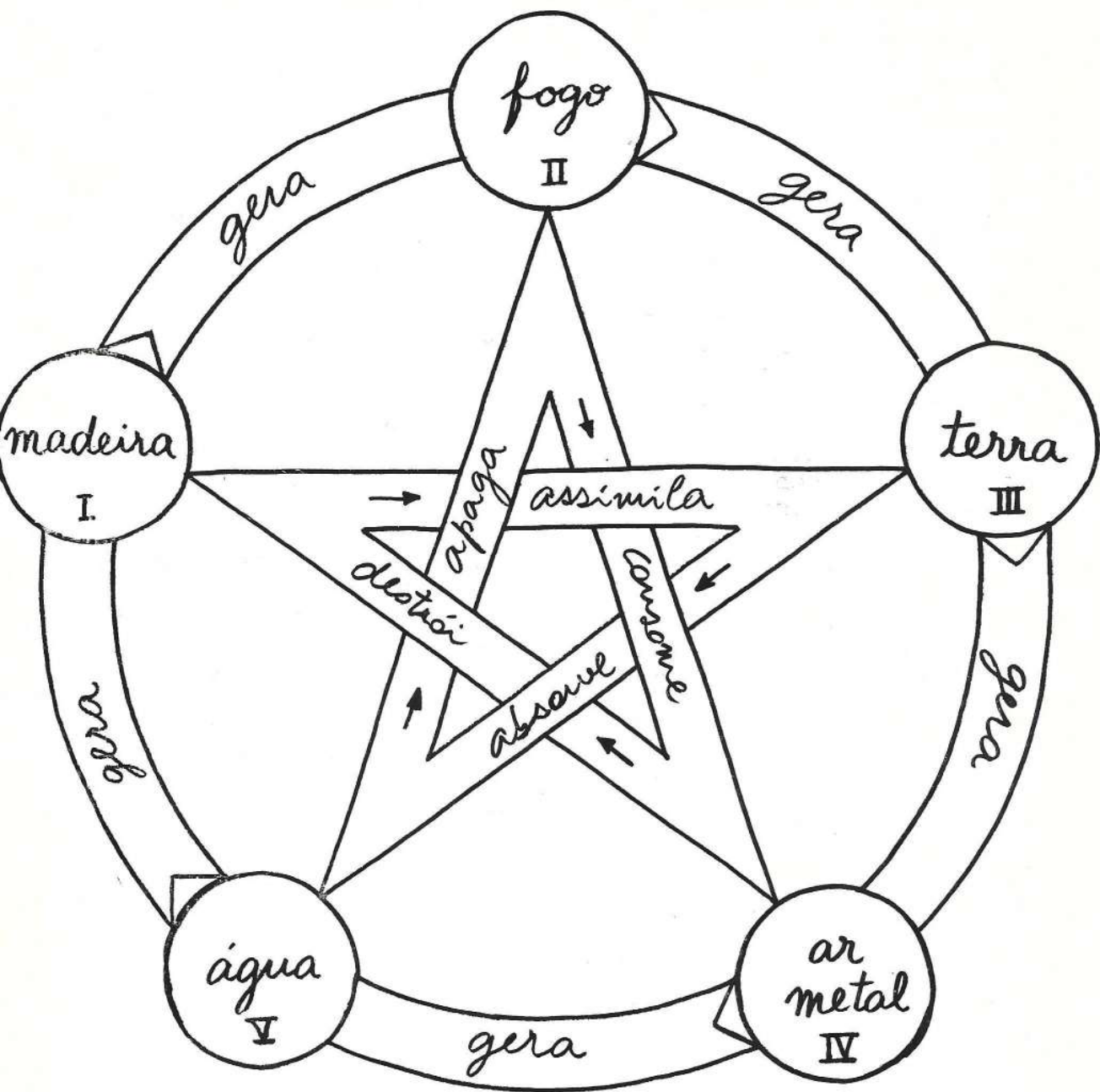
Todas as variações dos Fragmentos, acontecem sobre o plano, demonstrando especificamente o ato de seccionar/dividir o todo, enquanto que nos Planos e Inserções pressupõem-se que o objeto real (corpo) esteja completo, embora reprimido.

Nos fragmentos, os volumes e texturas são alterados com a substituição da realidade fotográfica pela ficção do desenho.

Tanto a fragmentação como o rompimento dos planos pressupõem uma ação violenta, premeditada e, conseqüentemente, limitada a zonas denominadas "Pontos de ruptura".

A interligação destes elementos permite a criação de um trabalho que pode ser concreto, pode ser um estado íntimo, um acontecimento, uma abstração, uma análise do conflito entre os valores e tabus sociais e o ideal do indivíduo. Em suma: ele pode ser real ou fictício.

Dariano Set/78



### OS 5 ELEMENTOS

I . VERDE . PRIMAVERA . PLANEJAMENTO . FIGADO/VESÍCULA BILIAR . VISÃO

II . VERMELHO . VERÃO . CONSCIÊNCIA . CORAÇÃO/INTESTINO DELGADO/LIGAÇÃO DOS 5 CARACTERES . CIRCULAÇÃO/SEXUALIDADE

III . AMARELO . CANÍCULA . PENSAMENTO . BAÇO PANCREAS/ESTOMAGO . GOSTO

IV . AZUL/BRANCO . OUTONO . RESPIRAÇÃO . PULMAO/INTESTINO GROSSO . OLFATO

V . TRANSPARENTE/CINZA . INVERNO . PURIFICAÇÃO . RINS/BEXIGA . AUDIÇÃO

... sendo a função maior da arte hoje religar o homem à fonte dos conhecimentos da Vida, e sua filosofia, a integração harmônica e perfeita com a Unidade do Todo, decidi investigar as possibilidades plásticas das experiências que venho tendo nos últimos anos.

desde o conhecimento das energias existentes na natureza, que são formadoras e mantenedoras da Vida no ser humano (religião africana, candomblé, etc.), até os ensinamentos da filosofia chinesa e o estudo dos 5 elementos básicos e sua relação com a formação do ser e da vida em geral (acupuntura), valho-me de tudo isto para tentar entender e explicar o porquê da vida.

nesta mostra, os elementos simbólicos são simples e diretos e vão bem especificados no gráfico anexo.

a situação de envolvimento e ritual ao mesmo tempo, sempre me ligou muito e sigo investigando suas possibilidades.

"onde o Céu encontra a terra, ali nasce a alma do vale", diz FU-HSI criador dos 8 hexagramas básicos do YI CHING, o livro das mutações.

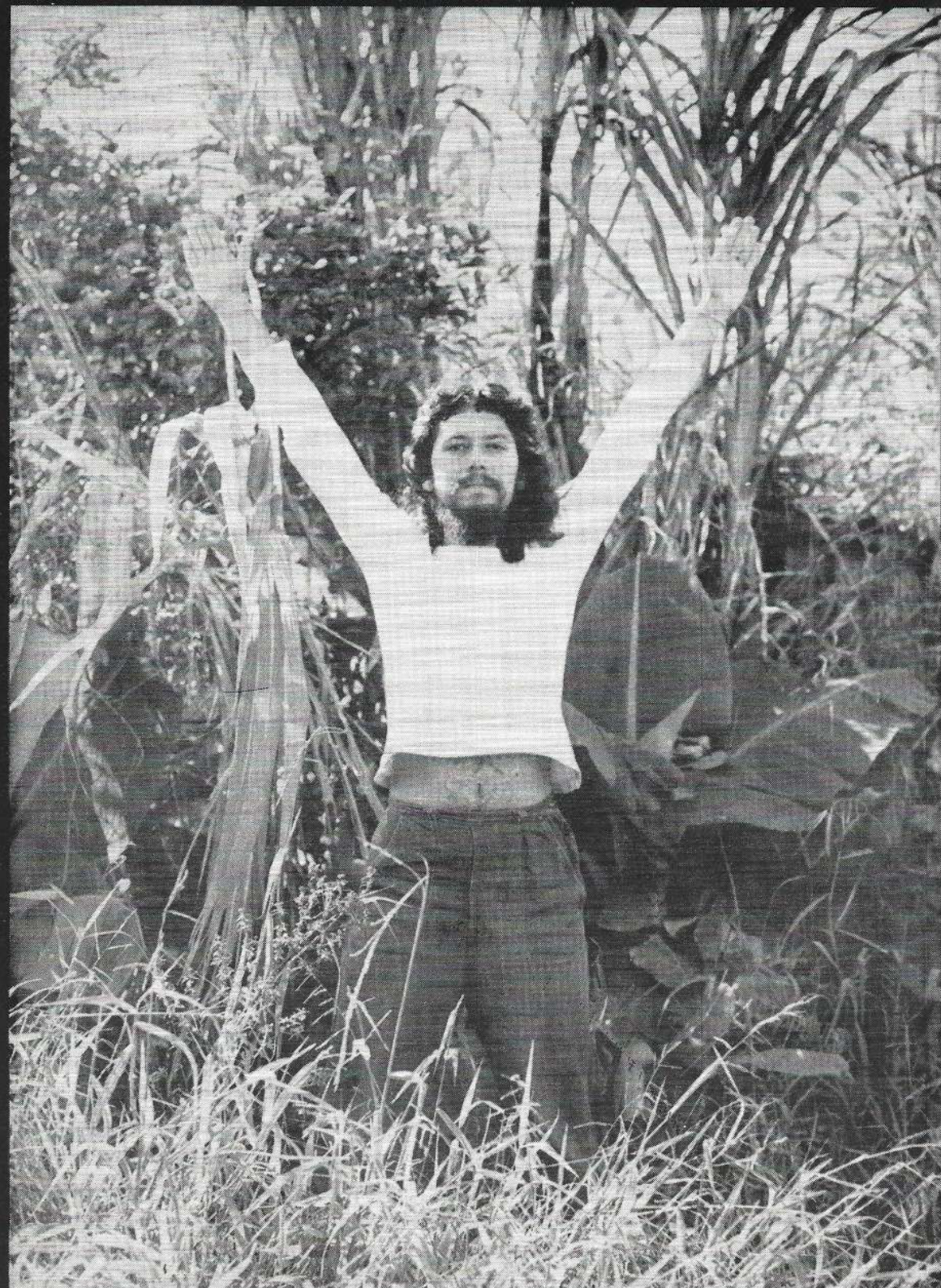
aqui a linguagem da filosofia chinesa serve

perfeita e claramente para expressar o que me "impressiona" os sentidos visíveis e invisíveis no momento.

a leitura da linguagem da natureza em suas diversas formas traduz o conhecimento ancestral e a chave da perpetuação da sabedoria ancestral. assim os dois princípios, ativo e passivo, Yang e Yin, ilustram com suas características o que a natureza expressa em sua essência mínima. o encontro do céu com a terra cria todas as coisas.

assim o entendimento dessas duas energias básicas, uma ativando e movimentando o crescimento para o alto, e a outra receptiva e passivamente abrigando, o receptáculo do alto, e atráindo para o fundo, são a origem de tudo.

c. asp  
pinheira, set. 78



"o 5º elemento madeira,  
liga o homem aos 4 elementos  
minerais"





MEMÓRIA DE BARCELONA

VERA C. BARCELLOS

## MEMÓRIA DE BARCELONA

Memória de Barcelona é um trabalho estritamente documental. Uma liberdade que tomei de desviar-me um pouco da "minha obra" e usar o "olho" da câmara fotográfica para simplesmente captar um tipo de realidade. Justamente a realidade que mais me impressionou em minha última viagem: a cidade de Barcelona.

Na língua catalã, recentemente liberada, muitos gritos, muitas idéias, muitos posicionamentos se sobrepõem

estampados nos muros. Nos cartazes colados, rasgados e recolados e nos pichamentos sobrepostos, lutam as ideologias políticas e sociais, as direitas e as esquerdas, o machismo e o feminismo.

Essa luta se faz abertamente, com grande força e premência, características de um momento de liberação, após um prolongado silêncio de quarenta anos.

Vera C. Barcellos